

A Casa dos Estudantes do Império (CEI): entre o colonialismo e as lutas de libertação nacional.

Odilon Monteiro da Silva Neto¹ 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

A investigação se debruça sobre a Casa dos Estudantes do Império, equipamento criado pela ditadura portuguesa de Antônio de Oliveira Salazar (1933-1968), tendo desenvolvido atividades entre 1944 e 1965. Foi neste espaço que ficou conhecido pela historiografia como CEI, onde passaram a conviver um conjunto de personagens que se tornaram peças fundamentais na luta pela emancipação das antigas colônias africanas, denominadas secularmente pelos portugueses: Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Carlos Erverdosa, José Craveirinha e um conjunto de jovens que saíram do anonimato para o protagonismo em termos de luta política. Para realização da pesquisa, partimos dos arquivos institucionais, associados aos quadros da história e da memória da CEI.

Palavras-chave: África. CEI. Império Português. Libertação nacional.

The House of Students of the Empire (CEI): between colonialism and national liberation struggles.

Abstract

The investigation focuses on the Casa dos Estudantes do Império, equipment created by the Portuguese dictatorship of Antônio de Oliveira Salazar (1933-1968), having developed activities between 1944 and 1965. It was in this space that it became known by historiography as the CEI, where the to live with a set of characters who have become key pieces in the struggle for the emancipation of the former African colonies, known for centuries by the Portuguese: Agostinho Neto, Amílcar Cabral, Carlos Erverdosa, José Craveirinha and a group of young people who left anonymity for protagonism in terms of political struggle. To carry out the research, we started from institutional archives, associated with the history and memory of the CEI.

Keywords: Africa. CEI. Portuguese Empire. National Liberation.

1 Introdução

Ao estudarmos as Literaturas africanas de língua portuguesa, no contexto da formação dos sistemas literários das jovens nações africanas, constituídas na história do presente, após longo processo de dominação colonial português, somos apresentados a uma determinada instituição, que embora tenha sido criada pelos

agentes do colonialismo, foi um lugar dirigido para as populações oriundas das colônias que integravam o império português.

O império português que o Brasil integrou de 1500 a 1822, espalhou-se por todos os continentes ao longo de quase seis séculos. Começou com a conquista de Ceuta, no extremo norte da África, em 1415, terminado apenas com a devolução de Macau à China, em dezembro de 1999. Sobretudo marítimo e comercial, o império constituiu-se rapidamente – em 1517 os portugueses já estavam no Cantão, do outro lado do mundo –, mas também depressa se desfigurou, pois durante o século XVII grande parte das possessões lusas passou para o domínio holandês ou inglês, depois de viver sob o controle espanhol durante 60 anos (1580-1640) (AMADO; FIGUEIREDO, 2001, p. 11).

Embora reduzido, a dominação portuguesa seguiu no continente africano ao longo do século XX. Historiadores portugueses, a exemplo de (2005) assinala, que as colônias africanas, não tinham condições de se tornarem “novos Brasis em África” (p. 141). Nesse contexto em que ocorre os movimentos de descolonização, Portugal decide criar um novo instrumento para a manutenção dos domínios coloniais africanos. Por , duas décadas funcionou na sede do “império”, um equipamento que embora tenha sido projetado e mantido pela perspectiva da ditadura Salazarista, foi ao longo do tempo se transformando em um espaço dos movimentos de resistência, que foram imprescindíveis para os processos de libertação nacional das antigas colônias. Em termos historiográficos, uma dada perspectiva enuncia, o continuar do projeto político de dominação do velho império. Por outro lado, o espaço, agora visto sob uma perspectiva de lugar da memória coletiva, o atribuiu o sentido de locus catalisador das forças anticoloniais, protagonizada pela juventude das antigas coloniais.

Durante seu funcionamento a Casa dos Estudantes do Império (CEI) abrigou um número expressivo de inteligências, homens e mulheres de diferentes cantos, que para além de um legado em termos de luta política deixaram registros na literatura de seus países, transitando entre a poesia e os romances, que em grande medida se colocam como formas de tradução dessa nova história nacional, escrita sob uma perspectiva vista de baixo. No quadro após as emancipações novas condições materiais e políticas, são acrescentadas a realidade desses países, e assim verifica-se o furor em que a produção literária se amplia, não esquecendo que muitas dessas produções passam a questionar os novos rumos das questões

nacionais, as permanências do colonialismo, sem esquecer que as velhas utopias ditas em nome da coletividade, não são percebidas na nova engrenagem.

Na busca por decifrar essas páginas que caracterizam o encerramento do domínio português aos povos africanos, nos debruçamos sobre a produção historiográfica e os arquivos oriundos da CEI. Desse conjunto de perspectivas, desejamos a construção de novos olhares sobre a referida experiência.

2 Metodologia

Para a realização desta pesquisa, seguiremos trabalhando com dois tipos de fontes distintas. A primeira delas são documentos primários, tidos como arquivos da Casa dos Estudantes do Império, que atualmente fazem parte do acervo da fundação Mario Soares. Através da investigação, foi possível identificar que ao final das atividades da CEI, muito desse material foi destruído, não se pode esquecer que Portugal vivia sob um domínio ditatorial, com forte identificação fascista. Retomando os ensinamentos de Walter Benjamin (1987), que nos apresenta a ideia, que “todo documento de história é um documento de barbárie, daí a necessidade de se promover uma história a contrapelo, para compreender os itinerários dos registros que “foram” preservados.

Por se tratar de uma pesquisa de caráter histórico, encadeada com base em registros documentais, na forma em que estes são produzidos, indicamos o método ou paradigma indiciário, herdado da história cultural italiana, em especial nos trabalhos de Carlo Ginzburg (2002).

Dos indícios presentes, apreendidos com a consulta as fontes primárias, nos é possível orientar o caminho seguinte na aproximação dos estudos em termos historiográficos. Nessa aproximação, entre os elementos obtidos da documentação primária, que se torna possível a elaboração de novos olhares sobre o objeto em questão. Percebemos que esse duplo constructo dominação imperial portuguesa, versus lócus de resistência, não são suficientes para o entendimento do quadro representado pela existência e funcionamento da CEI.

Como elemento atribuído ao plano preliminar indicamos a coleta de fontes, seguida da leitura. Por tratamos de um tema que está associado a um outro país, as ações serão dirigidas todas em caráter virtual, através de arquivos presentes em

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-7, 2021

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>

ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

acervos digitais e no quadro dos repositórios de instituições nacionais e internacionais.

Dessa forma iremos verificar esses arquivos, buscando compreender o sentido da construção desse equipamento. Vivíamos a segunda metade do século XX, momento em que as ações do colonialismo são amplamente contestadas e que seguirão ainda maior, no após o término da II Guerra mundial. Busca-se indícios para trilhar na construção de novos olhares. Aliado ao trabalho com as fontes primárias, temos um conjunto de estudos, quer sejam em artigos de jornais, periódicos e produções audiovisuais que tratam da experiência construída pela CEI. Fontes primárias, aliada a produção bibliográfica, produzidas no conjunto das ciências humanas e sociais, fruto do trabalho de pesquisadores de diferentes nacionalidades.

3 Resultados e discussão

Ao pensarmos a construção do colonialismo, é perceptível que o velho império português construiu uma percepção de si, como grandioso, afinal, portugueses e espanhóis dividiram o mundo, e ao longo da modernidade tivemos a presença portuguesa pelos diferentes cantos do planeta. O dividir o mundo significou uma espécie de domínio planetário, ou seja, América, África, Ásia e Oceania.

Nem todos esses domínios se configuram em áreas coloniais, no entanto dois lugares, um na América (Brasil), e outro na África (Angola), tiveram papéis de grande importância na manutenção do sistema colonial português. Partindo do exemplo brasileiro, após a Revolução do Porto de 1820, Portugal queria recolonizar o Brasil, ação, que certamente contribuiu para o processo de nossa independência. Ao passo que o mundo dito desenvolvido capitalista elabora seus processos de modernização, Portugal permanece com as velhas marcas do passado.

Nos termos do imperialismo do século XIX, os portugueses mantêm suas seculares colônias africanas. Com todo o conjunto dos nacionalismos do século XX, Portugal segue a manter esses domínios. E num momento histórico em que insurgem movimentos por libertação nacional, Portugal resolve criar um equipamento voltado a uma ideia de manutenção de um império colonial, onde a

juventude das colônias é reunida subvertendo os pressupostos de Portugal e anunciando um lócus de resistência contra a dominação da metrópole.

Observando a produção historiográfica relativa ao tema, em termos internacionais, a exemplo de Castelo (1997), Mata (2015), e o trabalho de Lima (2019), no Brasil, estes confluem no sentido de que Portugal desejava reforçar seus laços coloniais, daí a organização da CEI, como lugar de reforço desse imaginário do velho império. Mas ao passo em que a juventude oriunda de diversas nacionalidades, transformam a experiência do dominador histórico, numa perspectiva de luta e transformação social.

Percebemos que a defesa única e exclusiva de um lado creditando a CEI como lugar de manutenção pura e simples do império colonial, como também a perspectiva de exaltação de um espaço que em si mesmo, suscita resistência, o ideário anticolonial, produtor de ideias emancipatórias, trazem para a percepção da história um caráter maniqueísta, ou até determinista, a depender do conjunto de elementos a serem destacados nas análises.

4 Considerações finais

Acreditamos que ao passo em que as ideias tomam forma nos diferentes suportes, tendo como objetivo a construção de um percurso investigativo, passamos a falar em termos de operacionalidade. Desde o primeiro momento em que fomos levados a pensar sobre os sentidos da CEI, começamos em termos de ideias, na elaboração de uma compreensão do que ela realmente foi. Não estamos aqui a afirmar que existe uma verdade a ser apreendida, ser explicitada, mas sim, que em termos de entendimento da história sob o prisma cultural e social, não é possível ficar presos a perspectivas que nos oferecem uma espécie de visão míope dessa realidade.

Apresentamos ao longo desse relato, um conjunto de atos, que vislumbram essa marca de operacionalidade. Temos uma questão a compreender, e para que possamos suscitar novos olhares faz-se necessário transitar ente a experiência, a história de Portugal anterior a existência da CEI, como também de considerar esse universo, que embora sendo algo institucional, tendo o Estado Português como organizador, é apontado como cerne de desconstrução desse passado, que se

afirma glorioso, pois não é possível apagar a presença portuguesa, da realidade das antigas nações integrantes do império colonial.

Referências

AMADO, J.; FIGUEIREDO, L. C. **O Brasil no Império português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ASSOCIAÇÃO CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO. Portugal, 2015. Disponível em: http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_11037#le_10883. Acesso em: 30 jun. 2021.

BENJAMIM, W. Escritos históricos. In: **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTELO, C.. **A casa dos estudantes do império**: lugar de memória anticolonial. Mensagem: número especial, 1997.

CATROGA, F. Nação, mito e rito. **Religião civil e comemoracionismo**. Fortaleza: Nudoc UFC/Museu do Ceará, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LIMA, M. H. da S. **A casa dos estudantes do império (CEI) e a poesia nas lutas anticoloniais (1944-1965)**. (Trabalho de conclusão de curso em História). Recife: UFPE, 2019.

MATA, I. da. **A casa dos estudantes do império e o lugar da literatura na consciencialização política**. Lisboa: UCCLA, 2015.

ⁱ **Odilon Monteiro da Silva Neto**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9665-8031>
IFCE/UFC

Licenciado em História, Especialista e Mestre em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), doutorando em geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2802378054082902>
E-mail: odilonnetosilva@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-7, 2021
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.

SILVA NETO, Odilon Monteiro da. A Casa dos Estudantes do Império (CEI): Entre o colonialismo e as lutas de libertação nacional. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-7, 2021.